



GT 23. Ciganos em uma perspectiva antropológica

Coordenador(es):

Mirian Alves de Souza (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Maria Patrícia Lopes Goldfarb (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1

Debatedor/a: Mercia Rejane Rangel Batista (UFCG - Universidade Federal de Campina Grande)

Sessão 2

Debatedor/a: Felipe Berocan Veiga (UFF - Universidade Federal Fluminense)

A reflexão sobre o tema dos ciganos tem congregado pesquisadores envolvidos com os grupos ciganos no Brasil e exterior. Iniciamos discussões no âmbito local e mantivemos a temática na forma de GTs, nas Reuniões de Antropólogos do Norte-Nordeste, nas Reuniões Brasileiras de Antropologia e no Congresso Mundial da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences. Deste modo, objetivamos dar continuidade aos debates, e ao mesmo tempo discutir a produção etnográfica sobre grupos ciganos. Analisando os processos de construções identitárias; propondo uma reflexão sobre a (in)visibilidade desses sujeitos em diferentes cenários políticos; problematizando como os projetos políticos das organizações ciganas são moldados por diversas imaginações étnicas e nacionalistas; e indagando o papel da produção antropológica na mediação entre os sujeitos estudados e as esferas públicas, o GT pretende fomentar um campo de interlocução em uma perspectiva antropológica e etnográfica, especialmente no Brasil. Para esta edição, as coordenadoras e debatedores propõem apresentar um balanço do campo de estudos nos últimos anos, focalizando a produção acadêmica que passou pelas edições do GT, e que foram elaboradas em diálogo e no âmbito de diferentes programas de pós-graduação na área de antropologia e das ciências sociais, núcleos de pesquisa, laboratório e redes científicas, associações ciganas, organizações não governamentais, e diferentes esferas do estado e da sociedade.

O grupo de dança Jim Kalon e o movimento social cigano no Ceará

Autoria: Lailson Ferreira da Silva (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), Flor Fontenele

Este work se propõe a apresentar a trajetória de construção do movimento social cigano no estado do Ceará e, mais especificamente como a atuação do grupo de dança Jim Kalon tem sido utilizado para dar visibilidade aos ciganos no cenário político e social. Segundo Gohn (1995), um movimento social se caracteriza pela da união de um grupo de pessoas que possui um objetivo em comum, tendo enquanto base os valores políticos e culturais dos seus participantes, que possibilita a criação de uma identidade comum ao movimento. No Ceará, os ciganos estão organizados em torno do Instituto Cigano do Brasil - ICB, uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos criada em 2017 pelo cigano calon Rogério Ribeiro com sede no município de Caucaia. O ICB reúne ciganos de vários municípios onde há a presença de ciganos e, tem como missão "promover e defender os direitos fundamentais da etnia cigana" no contexto cearense. Desde a sua criação, o ICB, vem se articulando em diversos espaços sociais, políticos e culturais, participando de encontros de povos tradicionais e eventos ligados a arte e a cultura no estado Ceará, como forma de denunciar a violação sofrida pela etnia cigana ao longo dos tempos, a ausência de direitos e a necessidade de políticas públicas específicas para essa população tradicional. Nesses espaços, há uma recorrência de apresentações do grupo de dança, principalmente nos eventos que contam com a presença de atores públicos do executivo,



legislativo e judiciário; e privados, empresários, gestores de ONGs, artistas, etc. Nessa perspectiva, a "dança cigana" performatizada publicamente tem um papel relevante para o ICB, como uma estratégia de aproximação e "sedução" que vem abrindo portas e possibilitando articulações com atores estratégicos, que poderão contribuir para a inserção das pautas ciganas nos espaços de representação social. Além disso, a dança atua como elemento diacrítico da identidade cigana, possibilitando-os serem vistos em sua positividade a partir dos aspectos culturais que marcam as especificidades dessa etnia e, não apenas como destoantes do modo de vida social hegemônico.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: